

CONVERSA DE MINEIRO

VIVA O BRASIL!

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

O trem acontecia lá pras bandas do córrego do onça, água corrente com essa classificação geográfica ou hidrográfica, sei lá, de córrego, mas tinha um crescimento danado quando desaguava no coração da gente, a ponto de virar assim um riacho ou mesmo criar status de rio. O Onça banha as terras do município de Cordisburgo, terra famosa de Minas, pois foi ali que João Guimarães Rosa veio ao mundo pra embelezar ainda mais a última flor do lácio.

De fato era um trem pra lá de bom. Saíamos de Belo Horizonte cheios de tralha de pescador e encarávamos o Onça como se fosse o São Francisco. Realmente o levávamos a sério. Acampávamos à margem direita, debaixo de uma árvore e ali nos deixávamos ficar, pachorrentos, de bem com a vida, regados a muito café, cerveja e alguma cachaça. As águas iam correndo e o tempo também, embora às vezes parecesse haver parado como olhos de cobra mirando passarinho.

Embora estivéssemos autorizados pelo dono da fazenda, quem fazia as honras da casa era um cidadão que a gente conhecia por Zezito. Se mineiro só é solidário no câncer, como num arroubo metafórico Oto Lara Rezende um dia vaticinou, Zezito o era também na cachaça. Tomava todas. Quando faltava, embrenhava-se pelo meio do mato, no maior breu, até uma venda não se sabe exatamente onde, para comprar um pouco mais do precioso líquido. Fazia-o com grande zelo, por nossa encomenda. Era uma escuridão só, de fazer saci ter medo de sair de casa. E a cada vez que ia à venda, temíamos pelo seu retorno. Mas, tais preocupações não eram suficientes para nos comover. Em razão disso, lá ia o Zezito sem medo de bicho, de assombração e de tombos no escuro, movido a pinga e desejo de servir.

Uma vez chegamos lá e não sabíamos que era a penúltima. Uma enchente havia derrubado uma árvore na beira do córrego, uma das que nos davam suporte com sua sombra aconchegante. Absorvemos o golpe e nos divertimos à beça com pouco peixe e muita cachaça. Pouco peixe pra nós e muita

CONVERSA DE MINEIRO

VIVA O BRASIL!

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

cachaça pro Zezito, nosso mestre de cerimônias e amigo. A última foi triste. A árvore que sobrara e debaixo da qual acampávamos, havia simplesmente sido cortada pelo fazendeiro, não havendo mais nenhuma sob aquele sol escaldante que nos brindava com exagerado calor. Ainda assim ficamos, porém ficou muito claro que não dava mais. A partir de então, o onça ficou só na lembrança.

Hoje, tantos anos passados, ainda ecoa na memória dos ouvidos o bordão entoado por Zezito, após idas e vindas por conta de nossas encomendas e outras tantas pingas. Aliás, esclareça-se, depois de algumas generosas talagadas da marvada, ele dizia uma única frase o tempo todo: Viva o Brasil!

Hoje, a saudade retruca: Viva o Brasil! E viva o Zezito!

